

Texto e tecnologias de tradução: perspectivas e desafios

Marta Fidalgo

Abstract: This paper deals with some of the challenges involved in text production within the translation industry. Technological advances in the sector have increased productivity as well as given rise to new textual practices and modes of interaction. Based on an interactionist approach, the article discusses three main translation circuits which are currently in use and highlights the significance of revision for the future of the translation profession.

1. Considerações introdutórias¹

O fenómeno da globalização, associado ao desejo de expansão para novos mercados, veio exigir às empresas, que visam a internacionalização dos seus produtos, a capacidade de comunicar nas línguas dos potenciais clientes. Curiosamente, na década de 70 do século passado, Willy Brandt, então chanceler da República Federal da Alemanha, compreendia já nessa altura a importância de abordar os mercados-alvo na respetiva língua de destino, defendendo o seguinte: «If I am selling to you, I speak your language. If I am buying, *dann müssen Sie Deutsch sprechen.*»² (Swift, 2017: 257). Tal afirmação permanece válida nos dias de hoje, considerando que o volume crescente de conteúdos multilíngues tem contribuído para o desenvolvimento exponencial da indústria da tradução. Não obstante, o número de tradutores profissionais é insuficiente para satisfazer a procura por estes serviços linguísticos, tendo sido necessário encontrar soluções que respondessem às solicitações e, simultaneamente, contribuíssem para o aumento da produtividade e a redução dos custos no setor da tradução. Por este

motivo, nos últimos anos, a atividade tradutória tem estado associada a profundos desenvolvimentos tecnológicos, que inevitavelmente influenciam também a produção textual no setor.

Numa perspectiva de articulação entre a Linguística do Texto e os Estudos de Tradução, este artigo pretende abordar os principais modos de produção textual que atualmente dominam a indústria da tradução, apresentando uma breve caracterização dos circuitos em causa, acompanhada de uma reflexão sobre os desafios linguístico-textuais que os mesmos colocam. O principal objetivo é pensar o impacto que os circuitos analisados podem ter sobre a própria noção de *texto*.

2. Breve fundamentação teórica

Subscrevendo os princípios interacionistas, enunciados por Voloshinov ([1929]1986) e retomados por Bronckart (1999) no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), a presente proposta assume que o social influencia o linguístico, ou seja, que o contexto de produção e circulação dos textos condiciona essas mesmas produções verbais. Esta abordagem descendente dos fenómenos linguístico-textuais (cf. Voloshinov,

¹ As reflexões apresentadas neste artigo são abordadas de forma mais aprofundada num projeto de investigação em Linguística do Texto e do Discurso, desenvolvido na NOVA FCSH e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia desde outubro de 2014 (PD/BD/105764/2014).

² Esta afirmação, que combina o inglês e o alemão, realça a necessidade de abordar os clientes na respetiva língua. De igual modo, um cliente que deseja comprar algo espera que o vendedor fale o seu idioma. Este esforço de adaptação e localização de conteúdos está, aliás, patente em muitos sítios *Web* e publicidades atuais.

[1929]1986: 95-96) salienta a importância de considerar a esfera de atividade em que os textos são efetivamente produzidos, uma vez que a mesma determina as escolhas linguísticas e até as próprias práticas textuais que lhes estão subjacentes.

Nesta perspetiva, os textos constituem objetos empíricos complexos, correspondendo a unidades comunicativas globais, socialmente situadas (cf. Miranda, 2010: 68), já que «toda a produção linguística depende da actividade em que se insere» (Coutinho, 2008: 20). Contudo, no contexto específico em apreço e em resultado dos recursos tecnológicos utilizados, a consideração de cada texto no seu todo é, por vezes, inviabilizada pelas próprias práticas em vigor, o que coloca dificuldades ao nível da receção dos produtos textuais traduzidos. Importa, por isso, pensar sobre os efeitos que estas transformações podem ter sobre a produção textual.

3. A produção textual no setor da tradução

A indústria da tradução tem acompanhado os avanços tecnológicos no que diz respeito às ferramentas de trabalho utilizadas pelos profissionais. Esta evolução contribuiu para a emergência gradual de novos circuitos de produção textual associados ao uso de tecnologias informáticas, designadamente i) a tradução assistida por computador, ii) a tradução automática e iii) a tradução colaborativa.

Estes circuitos, aqui perspetivados como três modos de ‘fazer texto’, possuem diferenças e semelhanças, podendo mesmo ser combinados entre si. Adicionalmente, todos colocam desafios textuais

similares, na medida em que cada texto (escrito numa dada língua de partida) é extraído do respetivo contexto sociocomunicativo para que seja produzido um texto equivalente numa determinada língua de chegada, com recurso a ferramentas ou sistemas de tradução. As secções seguintes descrevem o funcionamento de cada um destes circuitos de forma mais pormenorizada.

3.1. A tradução assistida por computador

A tradução assistida por computador está associada ao uso de ferramentas CAT³, que utilizam as chamadas memórias de tradução⁴. Inicialmente, numa primeira fase de desenvolvimento tecnológico no setor da tradução, estas ferramentas estavam integradas nos programas de processamento de texto, mas, atualmente, são ferramentas autónomas com um vasto conjunto de funcionalidades, que permitem agilizar o trabalho do tradutor.

De forma simplificada, pode afirmar-se que estas ferramentas segmentam o texto de forma automática, com base em critérios formais, frequentemente associados à pontuação. Os segmentos podem corresponder a frases, orações, alíneas ou até a títulos, dependendo das regras de segmentação definidas na ferramenta para cada língua, mas, neste tipo de circuito, os profissionais (tradutores e revisores) têm geralmente acesso ao texto de partida na sua totalidade.

Por sua vez, a integração de memórias de tradução nas ferramentas CAT visa assegurar a coerência terminológica e estrutural durante o processo tradutório. No entanto, tendo em conta a dimensão in-

com pares linguísticos, sendo apresentados simultaneamente na língua de partida e na língua de chegada.

³ Sigla inglesa para Computer Aided Translation.

⁴ Uma memória de tradução corresponde a uma base de dados bilingue composta por segmentos. Estes, por sua vez, são armazenados de acordo

tertextual inerente a este recurso, as memórias podem igualmente potenciar a reprodução de problemas linguísticos, tais como erros ortográficos, termos por traduzir, omissões ou incoerências, em traduções subsequentes, caso as mesmas não sejam alvo de revisão, isto é, atualizadas com as versões finais dos textos traduzidos.

3.2. A tradução automática

O debate em torno dos sistemas de tradução automática, de entre os quais se destaca naturalmente o Google Tradutor, mantém-se intenso e atual. A necessidade de traduzir mais conteúdos no menor tempo possível, face às exigências globais de comunicação, conduziu a indústria da tradução ao paradoxo que conjuga a tentativa de humanização da máquina com a automatização humana. No entanto, o incremento da produtividade nem sempre resulta em produtos textuais de qualidade satisfatória.

Atualmente, existem vários tipos de tradução automática, cujas características não podem ser devidamente aprofundadas no espaço deste trabalho. No entanto, importa referir o seguinte: se, por um lado, estes sistemas visam a tradução de textos sem qualquer intervenção humana, por outro lado, os resultados desse processo automático dependem sempre de dados previamente trabalhados por profissionais humanos, de acordo com um par de línguas e/ou um domínio de especialização em particular, que são depois aplicados no treino da máquina. Assim, quanto maiores forem a quantidade e a especificação dos dados textuais (por exemplo, volume de textos, grau de especialização e número de repetições) utilizados nessa aprendizagem, melhores serão os resultados de tradução obtidos.

Neste tipo de circuito, o sistema tem, pois, acesso ao texto no seu todo, mas não considera a sequencialidade do mesmo. Neste caso, trata-se apenas de

um ‘amontoado’ de dados descontextualizados, que o sistema tenta fazer corresponder nas duas línguas em questão.

No Anexo 1, é apresentado um exemplo concreto em que o produto textual gerado pelo sistema de tradução automática não parece cumprir o seu propósito comunicativo. A tradução em causa expõe diversas fragilidades, sendo possível inferir que os dados usados para treinar o sistema não foram os mais adequados, inclusivamente no que se refere ao par linguístico, uma vez que nem todas as palavras foram traduzidas para a língua portuguesa. Este exemplo, pode, aliás, constituir um verdadeiro desafio à compreensão, demonstrando que o texto traduzido só funciona, quando reproduzido no suporte em que circula (cf. Anexo 2) e se articulado com as imagens que o ilustram, isto é, com a componente não verbal. Consequentemente, a necessidade de considerar cada texto na sua totalidade está bem patente neste exemplo, corroborando os pressupostos teóricos acima enunciados e salientando, uma vez mais, que os textos devem ser encarados como produções verbais situadas (cf. Miranda, 2010).

O exemplo apresentado pode ser visto como um caso extremo, até porque os sistemas de tradução automática se encontram em constante desenvolvimento e aperfeiçoamento. Não obstante, a intervenção humana acaba, muitas vezes, por ser necessária numa fase posterior, devendo o tradutor proceder à pós-edição do texto que foi traduzido automaticamente, tendo em vista o seu melhoramento e a sua adequação à língua e cultura de chegada.

3.3. A tradução colaborativa

A tradução colaborativa é uma tendência relativamente recente na indústria da tradução, podendo estar associada a uma etapa prévia de tradução automática. O recurso a este tipo de solução visa, mais

uma vez, a rapidez e a redução de custos. Neste circuito, cada texto é segmentado e distribuído por vários tradutores humanos, não necessariamente profissionais, sendo, por isso, comum a colaboração em regime de voluntariado.⁵ Cada tradutor tem, assim, acesso a segmentos isolados e nem sempre sequenciais de um mesmo texto. Tais condicionantes originam problemas relacionados, por exemplo, com a construção da referência (quando o antecedente é desconhecido por ocorrer noutra segmento), a formatação (uso de maiúscula a iniciar a segunda oração de uma frase complexa, porque esta foi segmentada e a primeira oração não está disponível), a articulação entre frases ou orações (e.g., numa estrutura de enumeração por alíneas) ou ainda com o decalque de estruturas da língua de partida no texto de chegada (na ausência de informação contextual suficiente ou mesmo por incompetência tradutória). Neste sentido, facilmente se depreende a necessidade de sujeitar os produtos textuais resultantes deste circuito a uma etapa posterior de revisão, sendo, portanto, o revisor quem tem acesso ao texto na sua totalidade, isto é, enquanto unidade global.

4. Implicações a nível textual

Considerando a perspectiva interdisciplinar aqui adotada, as questões linguístico-textuais anteriormente discutidas permitem, desde logo, salientar a relevância da noção de *segmentação*, ainda que as aceções em que a mesma é usada não sejam totalmente coincidentes nos dois domínios disciplinares em causa (cf. Adam, 2008; Pym, 2011).

A ênfase num fenómeno que remete para a sucessiva interrupção da linearidade do texto (cf. Pym, 2011: 3), logo para a descontinuidade textual, parece colocar em

causa a própria abordagem dos textos enquanto unidades comunicativas globais, preconizada no quadro do ISD, uma vez que os circuitos identificados privilegiam a fragmentação e até a descontextualização das produções linguísticas. Contudo, o processo de construção textual descrito emerge também da solução frequentemente adotada para fazer face ao desafio de conciliar a fragmentação e a totalidade de cada texto empírico, que é alvo de tradução, designadamente atribuir a revisão integral do mesmo a uma única pessoa. Esta necessidade reforça claramente a importância de considerar o texto na sua globalidade, enquanto unidade de comunicação (cf. Bronckart, 2005: 58), por oposição ao texto fragmentado e descontextualizado, enquanto objeto estritamente linguístico.

Neste sentido, poder-se-á considerar a coexistência de dois paradigmas nos circuitos acima apontados: por um lado, um paradigma que visa a simplificação com base em argumentos de natureza essencialmente financeira; por outro, um paradigma, compatível com os pressupostos interacionistas, que tem em conta a complexidade do objeto *texto*, assim como os aspetos relacionados com a textualidade e a textualização desse mesmo objeto.

5. Considerações finais

Este trabalho teve como propósito debater a influência dos desenvolvimentos tecnológicos sobre a produção textual na indústria da tradução. As novas modalidades de interação pessoa-máquina parecem caminhar no sentido da subversão da própria noção de *texto*, com base em fundamentos socioeconómicos, que influenciam os circuitos de tradução e as práticas textuais. Este condicionamento da produção textual potenciado por fatores sociais confirma a adequação dos

⁵ Neste caso, fala-se também em tradução voluntária.

princípios epistemológicos do ISD ao estudo realizado. Por sua vez, a atividade de revisão de textos poderá vir a assumir um papel de maior destaque na indústria de tradução, ao permitir reconciliar a fragmentação e a totalidade de cada texto empírico, levando-nos a considerar a possibilidade de os tradutores profissionais atuais poderem vir a assumir cada vez mais as funções de revisores dos textos produzidos, quer por sistemas automáticos, quer por não profissionais.

Referências

Adam, J. M. (2008) *A lingüística textual: Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora

Bronckart, J.P. (2005) Os géneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interações de desenvolvimento. In Menéndez, F. (org.). *Análise do discurso*. Lisboa: Hugin, pp. 37-79

Bronckart, J.P. (1999) *Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo* (trad. A. R. Machado & P. Cunha). São Paulo: EDUC

Coutinho, M. A. (2008) Marcadores discursivos e tipos de discurso. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* 2, pp. 193-210

Miranda, F. (2010) *Textos e géneros em diálogo: Uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: FCG/FCT

Pym, A. (2011) What technology does to translating. *Translation & Interpreting* 3(1), pp. 1-9

Swift, J. S. (2017) *Understanding Business in the Global Economy: A Multi-Level Relationship Approach*. London/New York: Palgrave

Voloshinov, V. N. ([1929]1986) *Marxism and the Philosophy of Language* (trad. L. Matejka & I. R. Titunik). Cambridge/London: Harvard University Press

Anexo 1 – Produto textual gerado por um sistema de tradução automática

«Esteira Do Aparamento

Illustrations para a aplicação

Repare-o no peda cadeira, tabela, dispositivos elétricos para proteger de encontro ao risco, ou repare-o na porta, no frame do window e na porta de armário para a finalidade do amortecedor

(...)

Loja de Caution:Inflammable! Never na alta temperatura, mantem-na por favor corretamente após a desembalagem.»

Anexo 2 – Produto textual no seu suporte original



Nota: As «esteiras do aparamento» são feltros (ou protetores) adesivos antiderrapantes.